

SCHAEFER E A ESCOLA ALEMÃ

Sérgio Weber

Resumo: *Este trabalho procura trazer à luz um episódio da luta pela concretização da escola alemã em São Paulo.*

Abstract: *This work wants to show an episode in the war for a definitive Germany school in São Paulo.*

Introdução

A imigração alemã no Brasil gerou o inevitável e memorável fenômeno do embate em que os valores culturais postos em presença se compararam, mesmo sendo eles – na verdade – incomparáveis.

Neste transiente, chegados e naturais, trocaram influências, construíram híbridos para a cultura ambiente, sempre compondo um determinante de incógnitas, um complexo de incertezas.

A princípio, as conclusões dos desembarcados, quando fruto do imediatismo, pelo instinto de sobrevivência, pelo materialismo instalado em suas mentes, as levaram a procrastinar o mais subjetivo. Era imperiosa, essencial para eles, a adaptação ao novo ambiente.

Cultuar os valores pátrios num momento de ruptura, prover a instrução para seus filhos, tudo isto estava sendo postergado diante da necessidade premente de produção familiar, frente aos, simultaneamente, ainda poucos rendimentos obtidos.

As colônias alemãs no Brasil, como agregações oficiais, em termos planejadas, propiciavam, ao menos, alguma representatividade aos colonos junto aos governos; obtiveram elas, em relativo pouco tempo, pastores e templos, mestres e escolas.

Por outro lado, os alemães, paulatinamente dissolvidos no contexto urbano, atraídos pela demanda de profissionais mais qualificados, procurando se

agrupar em determinados bairros, pouca ou nenhuma voz tinham para canalizar suas eventuais reivindicações.

Também como urbanos, certamente, inseriram na agenda uma mais extensa e profunda escolarização para seus filhos. Se as realidades locais pediam mais conhecimento da língua portuguesa e da matemática, os apelos de ordem cultural e familiar incluía, ao menos, a língua alemã nos conteúdos escolares.

A conjugação destes diversos fatores levou alguns imigrantes citadinos, fixados nos recantos do atual centro da cidade de São Paulo, principalmente no Acu, hoje parte do bairro de Santa Ifigênia, a planejar uma classe escolar.

Tal empreendimento vem sendo considerado, à luz dos documentos disponíveis, como a primeira organização escolar primária de iniciativa alemã na cidade de São Paulo, não exclusiva para uma única, mas aberta a demais famílias.

O intuito deste artigo é historiar esta realização pioneira de cunho didático e pedagógico, acontecida cerca de vinte anos antes do surgimento da Deutsche Schule, posteriormente denominada como Olinda Schule e, atualmente, como Colégio Visconde de Porto Seguro.

A escola

Côncio do valor da educação, da cultura alemã e da necessidade de adaptação das gerações novas à pátria brasileira, Carlos Frederico Schaefer não mediu esforços para obter ensino aos seus filhos em idade escolar, Henrique, 10 anos, Luiza, 8 anos e Elvira, 5 anos, ao menos.

Schaefer era oriundo de uma região depois revolucionária, unificadora. Se não pertenceu ele às hostes de Bismarck prestigiou, pelo menos, um bem próximo colaborador do mencionado estadista que, vindo de Santa Catarina, ministrou os primeiros ensinamentos não só aos seus, mas também aos filhos de seus amigos.

É, neste momento, que o mestre-escola professor Knüppel, deixando o Sul, se fixa em São Paulo.

Não tinha sido Schaefer, naqueles tempos, o único pai de família preocupado com a inexistência de uma escola adequada à família alemã na cidade de São Paulo. Assim, pôde ele reunir um número maior de crianças para estudar.

A partir de 1860, o professor Carlos Constantino Knüppel se dispõe a ficar em São Paulo, quando, inclusive, matéria jornalística de seu punho é publicada na imprensa paulistana. Nesse período, este mestre inicia seus trabalhos na sala de aula montada em uma das propriedades de Schaefer, no Acu.

Em 1861, também a ele se reunia o professor Carlos Daniel Rath para lecionar primeiras letras alemãs, futuro genro de Schaefer e que obtivera autorização para esta disciplina, conforme ato da Inspeção Geral de Instrução Pública, de 11 de outubro de 1861.

Agrupada já estava, então uma primeira turma de meninos e meninas, recebendo os primeiros ensinamentos.

Infelizmente, outros documentos que revelariam o cotidiano da classe não tem sido disponíveis. Igualmente, a participação de mais algum professor, deve ser descartada.

Naqueles dias, pastores, possivelmente, lá devem ter feito algum culto nos moldes da prédica luterana.

A qualidade do ensino provocou, em vários destes ex-alunos, múltiplas menções elogiosas, encontradas, por exemplo, na biografia de Knüppel.

O professor Carlos Daniel Rath, após seu casamento em 4 de novembro de 1862, vai se retirar da escola, reforçando a presença de Knüppel.

Ao fim deste ano de 1862, vinte e sete crianças estavam consignadas como estudantes que eram: Bertha Scholz, Marie Palm, Marie Schleicher, Margarethe Lippel, Luise Schaefer, Augusta Bresser, Helena Witje, Elvira Schaefer, Katarine Schwind, Regine Schwerdtfeger, Agnes Knösel, Carl Albert Bresser, Henrique Schaefer, Karl Rudolf Scholz, Wilhelm Surrer, Adolf Lippel, Adolf Schritzmeier, Heinrich Morgenroth, Aloys Huber, Andréas Christ, Heinrich Schaumann, Hermann Sunfeld, Philippe Roos, João Carlos Muller, Karl Kans, Karl Grandjsan e Jacob Petersen.

Durante a festa de encerramento das atividades escolares, ocorrida em primeiro de dezembro, foram, por discurso do professor Knüppel, homenageados Carlos Frederico Schaefer e Carlos Daniel Rath pela estruturação daquele nascente instituto.

Três alunas, em agradecimento, também se manifestaram em nome do alunado.

Todas estas homenagens, tendo sido escritas e lidas, foram, carinhosamente, encadernadas e entregues à família Schaefer, mantidas em poder de seus descendentes.

Em seu pronunciamento, o professor Carlos Constantino Knüppel, diz:

Agradecimento ao Sr. Carlos Schaefer, fundador, curador e protetor constante da escola alemã, por parte de todos os alunos e alunas desta instituição, com profundo respeito e agradecimento no dia 1º de dezembro de 1862.

Mui estimado e digno Senhor!

Houve uma época, nesta cidade, em que, por inexistência de ensino da língua alemã, a nacionalidade alemã, a língua alemã, os costumes, o grau de cultura da pátria antiga estavam definhando. Entre a maioria de alemães que emigravam aos poucos para cá, somente alguns sentiram a necessidade destas coisas. A maior parte era indiferente. O ganho imediato de bens materiais, o pensamento e a corrida atrás das riquezas deste mundo, obscureceu todas as outras considerações, colocando-as no esquecimento.

Mas o Senhor foi o único entre os poucos que percebeu claramente que os alemães podiam possuir valores espirituais além das riquezas, mantendo a posição que eles tinham entre os povos da Europa.

O Senhor sabia que, em toda competição e luta, os louros da vitória são para aqueles que tem superioridade espiritual.

E, enquanto os outros de natureza menos forte e enérgica, ainda duvidavam de si mesmo e não conseguiam executar o que tinha de ser feito, o seu pensamento surgia forte e seguro como Pallas (Athenas) da cabeça de Júpiter.

O Senhor fundou a primeira escola alemã em São Paulo.

Como toda escola nova, toda nova plantação, esta tinha também de lutar frente aos contratemplos e vendavais de todos os tipos – triste que teve de ser assim – não foram poucos os pensamentos indiferentes e frios dos próprios compatriotas que esqueceram o que deviam ao Senhor.

Ao invés de apoio foi o descaso, em vez de cuidados, zombarias !

Somente uma ridícula fração de alemães enviou seus filhos para a nova escola alemã. Por razões econômicas ?

A maioria ficou para trás. Os pais deixaram seus filhos crescerem rudemente para vergonha própria e em detrimento da própria sensibilidade de seus filhos.

O mofo que pareceu ter atacado o espírito alemão no exterior, secou suas folhas verdes, estiolou seus brotos e apodreceu seus frutos e se assentou também sobre a nova instituição recém-criada, especialmente para erradicar este mal, que a ameaçava destruí-la também pelas raízes.

A nova instituição já estava agonizando – perdida – sem saber o que fazer. Novamente, aí estava o nobre Senhor a estender a sua mão salvadora, acolhendo a aflita instituição sob sua proteção. O Senhor abriu seu coração como o

pelicano, como no mito comovente, e a sua casa foi a Alma Mater em cujo abrigo a escola alemã encontrou um asilo seguro, inspirando nova força vital, nova seiva para o crescimento. Grandes e múltiplos foram os sacrifícios que o Senhor teve de fazer; inúmeros obstáculos contra os quais teve de lutar, mas imperturbável e inabalável o Senhor manteve o seu ideal.

“Assim como o timoneiro corajoso que pilota o seu navio com mão firme, quer em meio a arrecifes, quer no repuxo da ressaca, mesmo rugindo a tempestade com força louca e poder sobre todo o cordoame, mesmo mostrando o recife o seu dente ponteagudo nas profundezas do mar, ele guia apesar de tudo e traz a nau para lugar seguro.”

Pouco a pouco, sob as asas dos seus cuidados paternos, sara a planta doente; a vida começa a pulsar mais forte em seus vasos lenhosos, alegremente surgem novas folhas verdes e brotos cheios de esperança.

A escolha de seu primeiro professor, que a escola nunca poderia esquecer, foi extremamente feliz: o Senhor demonstrou a sua rara capacidade de conhecimento humano. Amoroso e puro, jovem e sábio, ensinou a escola a dar os primeiros passos inseguros, como uma mãe amorosa que alimenta a criancinha com o leite materno morno e seco da sabedoria, e a escola cresceu e se desenvolveu maravilhosamente.

Sua persistência e a firmeza de suas normas fizeram este milagre. Seus sacrifícios, seus desejos foram atendidos e coroados de êxito e quando isto ficou evidente aos incrédulos, eles se arrependeram e se envergonharam muito dessa atitude, tentando corrigir fizeram o não tinham feito. Os melhores elementos se juntaram; a participação ganhou consistência: a vida do instituto estava garantida. O Senhor tinha cumprido a sua bela missão.

Hoje o Sr. deixa sair para o mundo o filho nascido com sofrimento de seu espírito, com as bênçãos paternas, para reforçar-se na luta contra as tempestades da vida e para crescer sob o céu imenso da vida livre! Desinteressado como Cincinato, o Sr. entregou em outras mãos a direção de sua obra e agora se retira para o silencioso aconchego de sua consciência. Ah! Fraca demais é a palavra quando é para dizer tudo o que o coração sente! Mas, seja-me permitido dizer que, mesmo que os séculos rolem aí adiante, como a roda do cordoeiro, (raramente alguém se lembrará dos corações jovens que agora, neste círculo, estão batendo corajosos e alegres) triunfará sobre todos os tempos e trará os múltiplos frutos da semente de mostarda que o Sr. tão piedosamente lançou à terra, tão firmemente protegeu e tão fiamente conduziu e isso, prezado e estimadíssimo Senhor, será o seu prêmio!

Carl Constantin Knüppel
Professor do Instituto

Seguem-se os pronunciamentos das alunas em nome das crianças:
1 – Bertha Scholz

Tristemente deixamos nós o asilo acolhedor onde tua mão cuidou nós e fielmente nos protegeu. Recebe, por isto, na despedida, o sentimento de amor que passa como um raio de luz somente no coração puro que quer honrar a grandeza e a verdade (entrega a coroa de louro). Recebe esta coroa que o amor piedoso das crianças te oferece. É uma oferta no altar da gratidão que, hoje a nossa escola com profundo sentimento te oferece.

2-Marie Scheleicher

Nós pedimos a Deus, o Santo, que ele te recompense o bem que diariamente fez e ainda faz.
Nós imploramos ao Grande Pai sobre o firmamento, pelo pai que preza tanto o verme como o serafim, proteção contra todo o mal sobre sua nobre cabeça e que lhe dê em prêmio as melhores prendas para o seu coração e para as suas mãos. Que a vida lhe ofereça as mais ricas coroas, a coroa imortal que para os seus queridos trança.

3- Marie Palm

Seja feliz. Que a Santa Paz more em sua casa,
A chama sagrada eleve no altar de sua casa e
que a benção dos céus venha viver em sua morada
que nos protegeu, sendo o nosso porto de salvação.
Seja feliz.
Nós saímos, como andorinhas novas voando e sua
benção paterna nos segue pelo mundo afora; com
este grande ideal queremos vencer e somente fazer
o que agrade a Deus e ao Senhor.
CK

Esta classe, cujo funcionamento se estendeu até 1866, foi ensinamento para um grupo de crianças e, certamente, estímulo para os protagonistas deste fato histórico que, em seguida, com alguns outros notáveis, tornaram realidade uma sociedade (Verein) capaz de manter, em caráter definitivo e anos depois, a existência de uma escola alemã como instituição forte, primordialmente necessária.

Carlos Konstantin Knüppel

Num esforço para reunir dados sobre o discutido professor Knüppel, distinguuiu-se o jornalista Alexander Haas, incansável em suas buscas não só na

Alemanha, mas principalmente em Joinville, em São Paulo e também em Botucatu.

Não menos interessado neste resgate, o historiador Friedrich Sommer faz justas menções sobre ele em seus textos. Ainda o pastor Martin Begrich, em suas crônicas, o coloca na galeria dos notáveis da colônia alemã de São Paulo.

Nomes como Carl Bolle, Anita Helena Bokermann, de Botucatu, em seus trabalhos no Brasil, notaram também a presença de Knüppel em sua trajetória.

È, após o estudo deste valioso material e dos documentos que, por razões de família, tenho em minha guarda que, sem grandes pretensões, me proponho a enfeixar algo a respeito daquele que se tornou o mestre de primeiras letras de alguns de meus antepassados, reputando uma biografia como até justa e culturalmente necessária.

Karl Konstantin Knüppel nasceu em 1817, em Pinne, localidade próxima à cidade prussiana de Posen, hoje polonesa denominada Poznán, no vale do Rio Warthe. Seus pais são Johann Karl Knüppel e Dorothea Richter.

Viajando para o Brasil na barca dinamarquesa “Neptun”, embarcara em Hamburgo em 13 de outubro de 1851, com mais 93 passageiros.

Em terras brasileiras, desembarcou na então Colônia Dona Francisca, hoje Joinville/SC, em 12 de dezembro desse mesmo ano.

Em pouco tempo, por volta de 1852, se tornou conhecido principalmente por ter criado um jornal pioneiro naquela colônia, o “Beobachter am Mathiassstrom”, título este que se traduziria como o “Observador na Cachoeira do Mathias”, cachoeira esta situada num ribeirão local, assim denominada em homenagem ao falecido senador Christian Mathias Schroeder, presidente da Sociedade Colonizadora Hamburguesa de 1849.

Ainda em Joinville, em 12 de julho de 1853, casou-se com Caroline Baring, nascida em 1813, em Barbados (Pequenas Antilhas) e filha de Eberhard Friedrich Baring e de Maria Elisabeth Hindsen. Caroline era viúva do farmacêutico local August Kohn, moradores na Mittelstrasse.

De seus demais familiares no exterior, poucas referências existem, no entanto, outro informante localiza uma irmã de Knüppel em Breslau, na Silésia/Alemanha, também chamada Caroline que, em muito, o ajudou em suas presumidas dificuldades financeiras típicas de um professor.

Knüppel foi também escrivão, por bom tempo, na sub-delegacia local em Joinville.

Já em São Paulo, vai se integrar nas atividades docentes junto com o professor Carlos Daniel Rath, por alguns anos. Entrementes, apareceu ele na imprensa paulistana em 1º de março de 1861.

O “Brasília”, periódico de Petrópolis, em 31 de março de 1862, publica versos em homenagem aos 60 anos do Dr. Carlos Frederico Rath. Eram assinados pelo Professor Knüppel, admirador dos trabalhos de seu amigo, o “Pai Rath”

Uma informação localizava Knüppel ainda em São Paulo em 24 de outubro de 1866, quando, no “Correio Paulistano” aparece como diretor do “Colégio Alemão”.

Nos primeiros anos da década de 1870, Knüppel, segundo dados oficiais, mantinha uma escola para meninas na capital de São Paulo. Depois disso, vamos encontrá-lo no interior da Província, em Descalvado e numa escola evangélica em Rio Claro.

Possivelmente em 1880 fundou ele, em Botucatu, uma escola laica, o “Instituto Benjamin Francklin”. É nesta cidade que ele vai se estabelecer por mais tempo e é, talvez, onde pode ele granjear mais admiradores, observadores de seu trabalho.

Vitimado por uma congestão cerebral, viúvo, com quase 80 anos, faleceu o professor Knüppel em Botucatu, em 18 de outubro de 1895. Um túmulo no Cemitério Municipal, mandado erguer por seus ex- alunos mostra o que reuniu ele em termos de simpatia e gratidão.

Uma foto deste mestre deve ter sido vista pelo já mencionado pastor Be-grich, cronista e pároco na Igreja Luterana de São Paulo.

Carlos Constantim Knüppel aparece também na crônica da Colônia Da. Francisca como jornalista pioneiro.

Seu semanário, manuscrito, o “Beobachter Mathiasstrom”, batizado com este nome em homenagem ao título de seu primeiro artigo no Brasil, chegou a ter uma tiragem de 50 exemplares na década de 1850, vendido a 320 réis, preço elevado frente aos jornais impressos da época.

Sua linha crítica, com bom humor, agredia principalmente a propaganda enganosa, os roubos, as falsas cartas com relatos mirabolantes relativos às condições nas colônias. Não poupava ele, também a administração destas. Concebeu ele, desta maneira, a primeira mídia naquela colônia. Infelizmente, nenhum exemplar deste jornal manuscrito é disponível. Na crônica jornalística catarinense, no entanto, aparecem comentários a respeito do conteúdo da primeira edição do “Beobachter”, onde Knüppel se queixa do desprezo de sua terra que “fez a felicidade de nosso país” sem oportunidades para a sua geração. O jornal informaria também o colono sobre as condições e relações de trabalho na região.

Sua formação teológica deve tê-lo inclinado ao magistério, mas seu ideal como educador se mostrou mais a favor de uma escola laica, não confessional. Assim foi sua pedagogia.

A didática de Knüppel mereceu elogios de vários de seus alunos primários. Elvira Schaefer, filha de Carlos Frederico Schaefer, sua aluna na década 1860 o tinha em alta estima. Os conhecimentos obtidos por ela em poucos anos escolares, revelam, por isso, um eficaz método de ensino. Posteriormente, outros mais foram ouvidos, inclusive por Alexander Haas, reforçando estas conclusões.

Sua militância política ao lado de seu amigo de juventude – o estadista Otto von Bismarck - deixava claro, como revolucionário de 1852, o seu assentimento pela Unificação Alemã.

Knüppel e Bismarck trocavam cartas e, ao que tudo indica, apesar dos oferecimentos feitos por este último, o professor preferiu ficar no Brasil.

O escritor alemão Norbert Jaques, autor de “Nova viagem ao Brasil”, fala sobre a existência destas cartas. Outras, trocadas com o empresário alemão em São Paulo João Adolfo Schritzmeyer e, naquela época, em poder dessa família, são igualmente mencionadas por Alexander Haas.

Um trabalho escrito de Knüppel, de maior porte, deve ter sido a mencionada “História da Guerra Teuto-francesa”-(1870-1871), redigida em português, manuscrito, era, pelo menos em 1938, ainda existente no Museu de Bismarck, em Schönhause/Alemanha.

Tem-se notícia de que o professor Carlos Bolle., de Rio Claro, publicou, em 1888, um texto crítico a respeito desta obra, mas o referente exemplar do “Rio-Post” não foi encontrado (Haas, 1950).

Certamente, por todas estas características marcantes apresentadas sobre o biografado é que o pastor Begrich o classificou como “típico representante do racionalismo alemão”.

Carlos Daniel Rath

Vindo da Alemanha em 1855, Carlos Daniel Rath passou a trabalhar com seu pai, o engenheiro Carlos Frederico Rath. Depois de várias atividades, vai abraçar a docência no início da década de 1860, em São Paulo onde permaneceu em toda sua vida.

Registrado como Professor de Primeiras Letras na Inspetoria Geral de Instrução Pública, em 11 de outubro de 1861, lecionou alemão para crianças. Até o ano de 1862, trabalhou e aplicou alguma economia numa classe de crianças de famílias alemãs, empreendimento em conjunto com seu futuro sogro Carlos Frederico Schaefer.

Nestes anos, ao lado do professor Knüppel, pode instruir uma primeira turma de escolares.

Após seu casamento com Filipina Maria Schaefer, em 1862, deixou esta escola em mãos de seus companheiros de magistério.

Foi ele localizado, anos depois, também como secretário em uma escola alemã.

Sua atuação na área cultural das instituições locais, após este período foi objeto de várias menções da crônica paulistana até seu falecimento em setembro de 1898.

Carlos Frederico Schaefer

Nasceu Carlos Frederico Schaefer na Silésia, Alemanha em 12 de janeiro de 1811.

De seus primeiros 27 anos nada ainda se sabe. Deve ter cumprido seus deveres militares e tentado fazer sua vida na Europa, sem êxito, certamente.

Em sua infância começara o declínio de Napoleão Bonaparte, derrotado, em fim, em sua audaciosa campanha na Rússia.

A partir daí, os estados alemães começaram a planejar uma união mais forte entre eles, inicialmente criando a União Alfandegária (*Zollverein*); também, nesta fase, os antagonismos entre produtores e operariado se reforçaram.

Foi esse panorama socioeconômico que Schaefer deixou em sua Europa para vir a se fixar no Brasil.

Embarcou ele em 21 de agosto de 1838, em Bremen, na fragata “Clementine”, junto com mais 277 pessoas que integravam um batalhão de engenharia, familiares destes especialistas e poucos mais, como ele, desengajados. Também a bordo, liderando este grupo, vieram o major João Bloem para assumir a direção da Fábrica de Ferro Ipanema, em Araçoiaba da Serra, e o engenheiro Carlos Abrahão Bresser, para os trabalhos principalmente na Serra do Cubatão.

Escreveu Schaefer durante a viagem para o Brasil, um diário, narrando diversos acontecimentos.

Desembarcou em Santos, em 18 de outubro de 1838 e, nesta cidade, permaneceu por poucos anos.

Seus companheiros de viagem ao Brasil Ludwig Schardt e Friedrich Wilhelm Zapp se tornaram seus concunhados, poucos anos depois.

Casou-se com Marianna Beber neste período e sua primeira filha, Filipina, nasceu no Cubatão, então bairro santista, em 21 de março de 1841. Teve o casal 10 filhos.

Sua atividade durante os primeiros meses no Brasil não é conhecida, mas, na hipótese de ser contratado pela província, receberia a quantia de 720 réis diários.

Vindo para São Paulo, fixou-se no atual bairro de Santa Ifigênia, na Ladeira de Santa Ifigênia, esquina com a Travessa Paissandu, hoje Rua Capitão Salomão, local naqueles tempos chamada de Acu.

Como proprietário teve, ao menos, quatro imóveis ali, sendo a casa de nº 2 sua residência e as de números um, três e cinco, construções menores, para seu comércio ou aluguel, na Travessa. Nesse endereço, certamente, nasceram todos os seus demais filhos.

Como comerciante (*Vendist*) teve um armazem de “molhados e gêneros da terra” que servia, principalmente, às famílias alemãs da cidade.

Alguns cronistas da cidade o chamam também de hoteleiro (*Gastwirt*) e se referem ao seu restaurante bem como a sua quadra de bolão (*Kegelbahn*) e de demais divertimentos “com entrada totalmente vista pelo lado esquerdo do Largo Paissandu” que se tornou ponto de encontro de alemães conhecidos e classificado como “uma ideia genial”, ali perto de sua casa.

Na inauguração do teatro alemão, em palco construído no Beco dos Rath, na Glória, local de moradia de seu amigo Dr. Carlos Frederico Rath, declamou longamente sob o acontecimento com base em texto desse Rath.

Nestes tempos, participou da tradução da peça teatral “Dr. Robin”, juntamente com Carlos Daniel Rath e o Dr. Ferreira.

Para que seus filhos e os de seus amigos pudessem estudar, em tudo colaborou para estruturar uma sala de aula em sua casa.

A vinda de Knüppel para a educação das crianças faz crer na concordância de Schaefer com os ideais desse professor inclinado a uma educação laica, mais científica e moderna.

Esse professor, após uma fase em que Schaefer enfrentou diversas dificuldades com a manutenção da classe escolar por ele organizada, o homenageou, reconhecendo-o como sensível à educação e à cultura alemãs. Faleceu Schaefer em 5 de setembro de 1866 em São Paulo, de difteria, deixando esposa e nove filhos. Sua sepultura no Cemitério dos Protestantes, Quadra G, nº 40, até hoje pertence a seus descendentes. Para Carlos Daniel Rath, Schaefer viveu 55 anos, 7 meses e 24 dias

Seu patrimônio, levado à hasta pública, foi, em sua maior parte, arrematada pelos seus cunhados Daniel Beber e Philippina Beber Zapp, assim como pelo seu genro João Rheinfrank, conforme os autos do referente inventário de 2 de junho de 1869 processado em São Paulo.

Fontes Consultadas**Primárias**

- Certidão de Óbito– Registro Civil Botucatu/SP – 1º SD – C.C. Knüppel.
Inventário de Carlos Frederico Schaefer – Arquivo do Tribunal de Justiça de São Paulo.
- Registro de Sepultamento – Carlos Frederico Schaefer- Livro (1862-1935), fls.7 Reg. 26. Cem. Protestantes/S.Paulo.
- Dankbare deutsche Schule – Hern Carl F. Schaefer–S.Paulo,1862, manuscrito, encadernado 24x19 cm, 6 fls. Acervo Família. Weber. Cadernos de Família 2.2.
- Sepultamentos de alemães –Cem. Consolação – Richard Schroeder-Kartum, 1931. Datilografado. AIELSP.
- Pasta G.IV f – Instituto Martius-Staden- Ficha Individual -C.F.Schaefer. Manuscritos de Carlos Rath- Álbum de 1886. Biblioteca da Sociedade Humanitária dos Empregados do Comércio / Santos/SP.
- Carlos C. Knüppel: Seu trabalho somente em 7 meses. Artigo de Alexandre Haas para o Deutsche Zeitung, 06/1950.-prova tipográfica.
- Entrevistas: Júlia Schaefer Baumer- 1950; Nair de Castro Weber – 1982.. Registro de Entrevistas Familiares. –Família.Weber.

Livros

- ALMANAK PAULISTANO – 1857- 1º ANNO- São Paulo.
- BEGRICH, Martin, Pastor. *Festschrift zur 25. Wiederkehr des Einweihungstages der deutschen evangelischen Kirche (Folheto comemorativo do 25º aniversário da inauguração da Igreja Evangélica Alemã)*. São Paulo: IELSP, 1933. 88 p.
- _____ *Kirchen geschichtliche Bemerkungen zu Person und Zeit des ersten deutschen evangelischen Pfarrers in Staat São Paulo, Georg Hölzel aus Dona Francisca (1858-1866)*.(Observações históricas sobre pessoas e presença dos primeiros pastores evangélicos da igreja no Estado de São Paulo São Paulo – Georg Hölzel de Dona Francisca (1858-1866).São Paulo: IELSP, 1936, 148 p.
- BEZERRA, Maria Cristina dos Santos, von SIMPSON, Olga Rodrigues de Moraes. Educação e Identidade Étnica: Panorama Histórico-sociológico das escolas rurais de origem germânica no Estado de São Paulo. *Martius-Staden Institut Jahrbuch, 2008* (Anuário do Ins-

- tituto Martius-Staden - 2008). São Paulo: I.M.S., 2008, nº 55, p. 23-42.
- CEMITÉRIO DOS PROTESTANTES. *Refúgio de Ilustres*.sd, 121 p.
- CUNHA, Dilney. *Suiços em Joinville*.Joinville: Letrad'agua, 2003, 255 p.
- GODOY, Joaquim Floriano de. *A Província de São Paulo*. São Paulo: Fundap, Ed. Fac símile, 2007, 147 p.
- KLEINER DUODEZ ATLAS. Weimar, 1859, p XV – Silésia.
- SILVA BRUNO, Ernani. *História e Tradições da cidade de São Paulo*.Rio de Janeiro: José Olympio, 1954, 3 vol, 1 544 p.
- SOMMER, Friedrich. *Die Deutschen in São Paulo*.São Paulo: inédito/datilografado, 1945, vol II-2, p. 342, 512-13.
- _____. *Die Deutschen in São Paulo*.São Paulo:: inédito,1945, vol III-1, p. 53-6, 308/78.
- _____. Deutsches Schulwesen in São Paulo. (Ensino alemão em São Paulo). *Die Deutschen in São Paulo*. São Paulo, inédito, 1945, vol III-2, p. 388-93.
- _____. Lebensbild eines Eingewilligen (Perfil de um homem de boa vontade). *Die Deutenen in São Paulo*. São Paulo: inédito, 1945 vol III-2, p 420-29.
- WEBER, Sérgio. Schaefer e seu Diário. *Revista da ASBRAP*, São Paulo, N° 13, p. 89-100, 2007.
- _____. Um cartógrafo na Província de São Paulo. *Revista da ASBRAP*, São Paulo, N°10, p. 129-135, 2004.

Jornais e Revistas

- KREUZ IM SÜDEN. São Paulo: Igreja Evangélica Luterana de São Paulo,1939, p. 97.
- _____. São Paulo, IELSP,1954, p. 6,7.
- SPADA, Vanessa. Colégio Porto Seguro comemora 125 anos. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19-09-2003. Estadão Sul, Morumbi, Zs 5.

Fontes especiais

- Jornalismo em Perspectiva – *Histórias do Jornalismo Catarinense*, por Maria José Baldessar e Rogério Christofolletti (Organizadores)
A Imprensa no norte de Santa Catarina, Apolinário Ternes. Disponível em UFSC, p 21-3, 288 p. Acesso em 11/02/2011 – 16:40h -

Carl Pfeiffer, Maria Fahn, Maria Pfeiffer,
 Margaretha Litzgal, Luise Pfeiffer,
 Augusta, Berseer, Juliana Wetzlar,
 Christa Pfeiffer, Antonine Pfeiffer,
 Margaretha Pfeiffer, Auguste Pfeiffer,
 Carl Albert Lutzner, Heinrich Pfeiffer,
 ● Paul Rudolf Pfeiffer, Wilhelm Fahn,
 Adolf Litzgal, Adolf Pfeiffer,
 Heinrich Margaretha, Auguste Pfeiffer,
 Andreas Pfeiffer, Friedrich Pfeiffer,
 Hermann Lutzner,
 Felippe Pors, João Carlos Müller,
 Paul Pors, Paul Pfeiffer,
 Jakob Pfeiffer.

Fig 1 – Assinaturas dos 27 alunos presentes ao final do ano letivo de 1862 fechando o agradecimento. Cadernos de Família 2.2 - Acervo Família Weber.



Fig 4 – Capa do agradecimento mantido na família pelos seus descendentes. Cadernos de Família 2.2 – Acervo Família Weber.